

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Junho de 2012

DE TRADITIONE APOSTOLICA DE HIPÓLITO DE ROMA (SÉC. III):

TESTEMUNHOS SOBRE O USO RITUAL DOS ALIMENTOS NO CRISTIANISMO PRIMITIVO.

Selecionaram-se alguns passos do primeiro regulamento eclesiástico conhecido, atribuído a Hipólito de Roma, de acordo com o interesse dos mesmos para uma melhor compreensão do uso dos alimentos no contexto ritual do cristianismo primitivo. Os passos selecionados do texto latino estão seguidos pela tradução original em Português¹. A abordagem aqui seguida privilegia dar a conhecer o texto enquanto fonte para o conhecimento da alimentação em contexto religioso, pelo que os comentários ao texto figuram, de forma sucinta, na parte III deste documento. Na parte II faz-se uma apresentação da obra estudada e do contexto do seu aparecimento.

I De Traditione Apostolica – alguns excertos texto latino e tradução

5. De oblatione olei (p. 55)

Si quis oleum offert, secundum panis oblationem et uini, et non ad sermonem dicti, sed simili uirtute, gratias referat dicens:

Vt oleum hoc sanctificans das deus sanitatem utentibus et percipientibus, unde unxisti reges sacerdotes et profetas, sic et omnibus gustantibus confortationem et sanitatem utentibus illud praebeat.

5. Acerca da oferta de azeite:

Se alguém traz azeite, sejam dadas graças, tal como com a oblação de pão e vinho, não com o uso das mesmas palavras, mas com idêntico propósito:

“-Santificando, Ó Deus, este azeite, que concedas a salvação aos que o usam e que o recebem, com que ungiste reis, sacerdotes e profetas; que do

¹ B. Botte (1968), *Hippolite de Rome: la Tradition Apostolique*, Paris, SC. 11. Servimo-nos da edição do texto presente neste volume. As páginas indicadas no texto latino remetem para este livro.

mesmo modo ele confira saciedade a todos os que o saboreiam, e santidade aos que o usam.”

6. Similiter, si quis caseum et oliuas offeret, ita dicat:

Sanctifica lac hoc quod quoagulatum est, et nos conuaglanis tuae caritati.

Fac a tua dulcitudine non recedere fructum etiam hunc oliuae qui est exemplum tuae pinguidinis, quam de ligno fluisti in uitam eis qui sperant in te.

6. Igualmente, se alguém traz queijo ou azeitonas, diga o seguinte:

Santifica este leite que está coalhado, e que nós nos coalhemos também à Tua caridade; faz com que este fruto não se afaste da Tua doçura, nem as azeitonas, que são o símbolo da Tua fartura que fizeste emanar da árvore para a vida de todos os que esperam em Ti.

21. De traditione baptismi sancti (p. 91-94)

(...)

Lac et melle mixta simul ad plenitudinem promissionis quae ad patre fuit, quam dixit terram fluentem lac et mel quam et dedit carnem suam Christus per quam sicut paruuli nutriuntur qui credunt, in suauitate uerbi amara cordis dulcia efficiens; aquam uero in oblationem in indicium lauacri, ut et interior homo, quod est animale, similia consequantur sicut et corpus.

De uniuersis uero his rationem reddat episcopus eis qui percipiunt. Frangens autem panem, singulas partes porrigens dicat: -Panis caelestis in Christi Iesu. Qui autem accipit, respondeat: Amen. Praesbyteri uero non fuerint suficientes, teneant calices et diacones, et cum honestate adstent et cum moderatione: primus qui tenet aquam, secundus qui lac, tertius qui uinum. Et gustent qui percipient de singulis ter dicent eo qui dat: In deo patre omnipotenti. Dicat autem qui accipit: Amen. Et domino Iesu Christo et Spirito Sancto et sancta ecclesia. Amen. Ita singulis fiat.

Et tunc iam offeratur oblatio a diaconibus episcopo et gratias agat panem quidem in exemplum, quod dicit graecus antitypum, corporis Christi; calicem uino mixtum propter antitypum, quod dicit graecus similitudinem, sanguinis quod effusum est pro omnibus qui crediderunt in eum.

(...)

Leite misturado com mel, pela plenitude da promessa que foi feita aos nossos pais, quando falou da terra que escorre leite e mel, na qual Cristo também ofereceu a Sua carne por que, tal como crianças, são alimentados os

que creem, tornando doces, através da suavidade das Suas palavras, toda a amargura de coração.

A água presente em oferenda como sinal do banho, para que o homem interior, que é a alma, atinja os mesmos benefícios que o corpo.

De todas estas coisas o bispo dará porção aos que comungam. Partido o pão, quando apresenta cada bocado, dirá: “-O pão do céu em Cristo Jesus.” O que recebe responderá, por sua vez: “-Amen.” Se os padres não forem suficientes, também os diáconos peguem nos cálices, e com dignidade e modéstia mantenham a seguinte ordem: primeiro, o que tem a água; segundo, o que tem o leite; terceiro, o que tem o vinho.

E então seja oferecido ao bispo pelos diáconos, que dará graças do pão, como símbolo (aquilo que em grego se diz de antitypo) do corpo de Cristo; e o cálice com vinho misturado como antitypo, (que é como os gregos dizem “semelhança”), do sangue, que foi vertido em favor de todos os que creem Nele.

22. De communione (p. 98)

Die prima sabbati episcopus, si potest, manu sua, dum diaconi frangunt, omni populo distribuet ipse, et presbyteri coctum panem frangent. Cum diaconus ad presbyterum affert, porriget uestem suam, et ipse presbyter sumet, et populo manu sua distribuet. Ceteris diebus recipiente secundum mandatum episcopi.

22. Acerca da comunhão

No Domingo, o bispo, se possível, distribuirá ele próprio a comunhão a todo o povo, enquanto os diáconos partem o pão; os padres partirão também o pão, depois de cozido. Quando o diácono leva o pão ao padre, abrirá o seu regaço, e o próprio padre pegue nele e de sua mão o distribua ao povo. Nos restantes dias comunguem segundo as instruções do bispo.

26. De cena communi (p. 102)

Et cum cenant, qui adsunt fideles sument de manu episcopi paululum panis antequam frangant proprium panem, quia eulogia est et non eucaristia sicut caro domini.

26. Da refeição comum

Quando comem, os fiéis presentes receberão da mão do bispo um pedaço de pão antes de partirem o próprio pão, porque é um acolhimento, e não uma Eucaristia, como é a carne do Senhor

27. Quod non oportet ut catechumeni edant cum fidelibus (p. 104)

Catecuminus in cena dominica non concumbat. Per omnem uero oblationem memor sit qui offert eius qui illum uocauit; propterea enim depraeatus est ut ingrediatur sub tecto eius.

27. Por que razão não devem os catecúmenos comer com os fiéis

O catecúmeno não tomará parte da ceia do Senhor. Ao longo de toda a partilha, que todo o que oferece se lembre Daquele que o convidou; por causa disso é que ele suplicou que o deixasse entrar na Sua morada.

28. Quod oportet ut comedant cum disciplina et sufficientia

Edentes uero et bibentes cum honestate id agite et non ad ebrietatem, et non ut aliquis inrideat, aut tristetur, qui uocat uos, in uestra inquietudine, sed ore tut dingus efficiatur ut ingrediantur sancti ad deum. Vos enim, inquit, estis sal terrae. Si communiter uero omnibus oblatum fuerit quod dicitur graece apoforetum, accipitur ab eo. Si autem ut omnes gustent sufficienter, gustate et superet, et quibuscumque uoluerit qui uocauit uos **mittat** tanquam de reliquiis sanctorum et gaudeat fiducia.

Gustantes autem cum silentio percipiant qui uocati sunt, non contententes uerbis, sed quae hortatus fuerit episcopus et, si interrogauerit aliquid, respondeatur illi.

28. Por que é conveniente que comam ordeiramente e com moderação

Quando comeis e bebeis, fazei-o com elevação, e não até à embriaguez, para que ninguém se ria de vós, ou que o que vos convida não fique triste com a vossa agitação; mas que ele peça para ser considerado digno que os santos entrem na sua casa. Vós sois, disse Ele, o sal da terra (Mt 5, 13). Se a todos vós, em conjunto, vos for oferecido aquilo que em Grego se chama de apophoretum, seja aceite assim. Mas se for para que em comum se saciem, comei de modo a que sobre, e que aquele que vos convidou vos mande embora com aquilo que achar bem, tal como os outros santos, e com confiança se alegre. Durante a refeição, os que foram convidados comerão em silêncio, sem troca de palavras, dizendo apenas aquilo que o bispo autorizar e, caso ele pergunte algo, se lhe responda.

29. Quod oportet comedere cum gratiarum actione (p. 108)

Unusquisque in nomine domini edat. Hoc enim deo placet, ut aemulatores etiam apud gentes simus, omnes similes et sobrii.

29. O que se deve comer em ação de graças

Cada um comerá em nome do Senhor. O que, com efeito, apraz a Deus, é que nos mostremos exemplares junto das nações, todos unidos e sóbrios.

30. De cena uiduarum (p. 110)

Viduas, si quando quis uult ut aepulentur, iam maturas aetate, **dimittat** eas ante uesperam. Si autem non potest propter clerum quem sortitus est, escas et uinum dans eis **dimittat** illas et apud semet ipsas, quomodo illis placet, de re sumescent.

30. Acerca da refeição das viúvas

Se alguém convidar viúvas para uma refeição, mesmo que sejam de idade avançada, mande-as embora antes do por do sol. Se não pode, por causa do cargo que recebeu, depois de lhes ter dado comida e vinho, deixará que partam, e que elas comam nas suas próprias casas, como lhes agradar.

31. De fructibus quos oportet offerre episcopo (p. 111-112)

Fructus natos primum quam incipiant eos omnes festinent offerre episcopo; qui autem offerit benedicat et nominet eum qui optulit dicens:

-Gratias tibi agimus, deus, et offerimus tibi primitiuas terrae, dedisti nobis ad percipiendum, per uerbum tuum enutrients ea, iubens fructuum, quos omnes fructus adferre ad laetitiam et nutrimentum hominum et omnibus animalibus. Super his omnibus laudamus te, deus, et in omnibus quibus nos iubasti, adornans nobis omnem creaturam uariis fructibus, per puerum tuum Iesum Christum dominum nostrum, per quem tibi gloria in saecula saeculorum. Amen.

31. Quanto aos frutos que devem oferecer-se ao bispo

Todos sejam solícitos em oferecer ao bispo, como primícia dos frutos, as primeiras colheitas. O que os apresenta os bendirá e dirá o nome de quem os ofereceu, dizendo:

“- Nós Te damos graças, Deus, e Te oferecemos as primícias da terra que Tu nos deste para que nós ficássemos com elas, depois de, pela Tua palavra, os teres amadurecido, depois de teres ordenado à terra que produziu toda a espécie de frutos, para satisfação e alimento dos homens e de todos os animais. Por todos eles Te louvamos, Ó Deus, e por tudo com que nos presenteaste, adornando toda a criação com uma variedade de frutos, pelo Teu menino Jesus Cristo Senhor Nosso, por quem Te é dada Glória nos séculos dos séculos. Amen.”

32. *Benedictio fructum* (p. 114)

Benedicuntur quidem fructus, id est uua, ficus, mala grania, oliua, pyrus, malum, sycaminum, persicum, ceraseum, amygdalum, damascena, non pepon, non melopepon, non cucumeres, non cepa, non aleus, nec aliut de aliis oleribus. Sed et aliquotiens et flores offeruntur. Offeratur ergo rosa et liliu, et alia uero non...

32. *A bênção dos frutos*

Que se abençoem os seguintes frutos: a uua, o figo, a romã, a azeitona, a pera, a maçã, o sicômoro, o pêssego, a cereja, a amêndoa, o alperce; mas não o melão, a abóbora, o pepino, a cebola, o alho, nem nenhum dos outros legumes. E também de vez em quando se ofereçam flores. Ofereçam-se rosas e lírios, outras não...

II O De Apostolica Traditione- autoria, datação e características da obra

O *De Apostolica Traditione* teria sido escrito em 215 d.C. por um presbítero romano de nome Hipólito, incomodado por perceber que a popularidade do cristianismo entre os habitantes das cidades romanas se fazia acompanhar por um relaxamento das regras instituídas pelos apóstolos, e mesmo pela substituição das mesmas por práticas que ele considerava inovações menos autênticas.

Na sua cruzada pelo retorno à pureza apostólica, Hipólito provocou polémica. Assim, responsabilizando o Bispo de Roma de então, o Papa Zefrino, os seus sucessores Calisto, Urbano, Pôncio e Ponciano, teria sido mesmo aclamado Bispo de Roma (ou seja, Papa) pelos seus seguidores, constituindo o primeiro da extensa lista de antipapas que a História conheceu. Morreu em 235, seguindo o destino desta profissão de risco dos muitos que, por esses anos, ousavam assumir, com legitimidade ou sem ela, o cajado de Pedro: de modo irónico, ele e Ponciano foram condenados às minas da Sardenha, pelo Imperador Maximino Trácio, em 234.

Aí ainda teve oportunidade para se reconciliar com o papa em exercício, Ponciano, e os dois foram martirizados, ao que parece, após Ponciano ter revogado a excomunhão de Hipólito. Sinal do fim do Cisma de Hipólito está no facto de as relíquias dos dois mártires terem sido trazidas para Roma, a mando do papa Fabiano, e respeitadamente sepultadas no Cemitério da via Tiburtina.

Assim, a memória cristã preservou com bonomia a imagem de Hipólito de Roma. A ele o poeta cristão nascido na Hispânia, Prudêncio, (séc. IV) dedicou o undécimo dos catorze poemas que dedicou aos mártires na obra

*Peristephanon*², não omitindo a sua heterodoxia. Identifica-o como seguidor da heresia de Novaciano, o que é um erro, já que Novaciano foi também antipapa, mas vinte anos após a morte de Hipólito. Mas vislumbra-se alguma coerência na apresentação de Prudêncio, já que Novaciano defendia, na sua doutrina, que os *lapsi*, ou seja, os cristãos que, para evitar o martírio, tinham negado a sua fé, não deviam ser reintegrados na comunhão, mesmo que o se arrependessem e o solicitassem. Paralelamente, Hipólito defendia, contra as práticas da hierarquia episcopal, uma maior severidade na avaliação dos casos de excomunhão permanente.

O papa S. Dâmaso, também poeta, honrou a memória de Hipólito restaurando o seu túmulo, hoje ainda no Cemitério que adotou o nome do mártir e colocando nela uma inscrição que o apresenta como um discípulo de Novaciano, entretanto reconciliado com a ortodoxia. Dedicou-lhe também um epigrama, que o apresenta como um cristão reconciliado³.

Hipólito não seria natural de Roma, como o seu nome faz antever. Tendo sido contemporâneo de Orígenes, acolheu o teólogo alexandrino em 212, quando este visitou uma comunidade cristã em Roma, proferindo um sermão de tema “Sobre o louvor a Nosso Senhor e Salvador”⁴. Os escritos de Hipólito revelam grandes conhecimentos da filosofia grega, familiarizado com a escola exegética alexandrina de Clemente e de Orígenes. No entanto, as suas preocupações são eminentemente pastorais e práticas, e, nesse domínio, é senhor de uma obra literária abundante, apresentando esta como característica fundamental o facto de ser dirigida ao quotidiano dos cristãos.

² *Peristh.* 11, 17-24 “Haec dum lustro oculis et sicubi forte latentes/rerum apices ueterum per monumenta sequor, inuenio Hippolytum, qui quondam scisma Nouati/presbiter attigerat nostra sequenda negans./usque ad martyrii prouectum insigne tulisse/lucida sanguinei praemia supplicii./Nec mirere senem peruersi dogmatis olim/munere ditatum catholicae fidei.” O nome e o martírio de Hipólito de Roma seguem os contornos do mito grego de Hipólito, filho de Teseu. Por este motivo, pensa-se que o relato do martírio do sacerdote romano, atado e desmembrado por cavalos, seja, nos seus contornos exatos, uma ficção literária que adapta um mito conhecido.

³ *Epg.* 28: Hippolytus fertur, premerent cum iussa tyranni./ presbyter in scisma sempre mansisse Novati; [...]sic noster meruit confessus martyr ut esset/ haec audita refert Damasus, probat omnia Christus.

⁴ Obra desaparecida, mas de que Jerónimo dá nota no seu *De Viris Illustribus*, 61.

Hipólito foi, assim, o último autor cristão que, em Roma fez do grego sua língua principal. Apresenta, neste primeiro quartel do séc. III, a particularidade de se debruçar sobre questões disciplinares. Faz, pois, todo o sentido que o Ocidente latino o tenha preservado na memória como um “rigorista”, cuja rutura temporária com a Igreja de Roma ficou marcada pela oposição à revisão do penitencial.

Neste espírito, entre inúmeros escritos, Hipólito deixou o *De Apostolica Traditione* (Ἀποστολικὴ Παράδοσις), texto de enorme interesse, posto que, após o antigo texto da *Didaché*, primeiro catecismo ou de manual pastoral do judeo-cristianismo, composto nos primeiros anos do séc. II e atribuído aos “doze apóstolos”, constitui um volume que organiza as constituições eclesíásticas da Antiguidade cristã.

Dá testemunho do ritual seguido na Igreja, com regras e fórmulas fixas para os sacramentos instituídos, tais como a batismo e a Eucaristia. Descreve também os graus da hierarquia ministerial: o bispo, o presbítero, o diácono, o leitor, o catecúmeno, a viúva e, em categorias especiais, os confessores, as virgens e os subdiáconos, (os confessores são os fiéis que deram prova pública da sua fé e sobreviveram, os dois últimos resultavam de votos individuais, sem ter havido, portanto, imposição das mãos do bispo.); quais as funções atribuídas a cada um, qual o ritual específico para a sua ordenação.

A transmissão do texto hoje conhecido é verdadeiramente tortuosa, e tentaremos resumi-la ao essencial⁵: constando o texto original como perdido, o mesmo apresentava uma versão fragmentária e resumida no livro VIII das *Constituições Apostólicas*⁶. No entanto, existem traduções coptas, árabes, etiópicas e latinas. De entre as versões orientais, só a tradução copta se funda diretamente no original grego, integrando um conjunto de leis sob o nome de *Heptateuco Egípcio* (séc. V).

⁵ J. Magne (1975) *Tradition Apostolique sur les carismes et Diataxeis des saints apôtres*, Paris.

⁶ Trata-se de uma coleção de oito tratados de ordenações cristãs em grego, coligido nos finais do séc. IV provavelmente em Antioquia, contendo o principal da doutrina e do culto, para ser usado como guia das atividades do clero. Os livros I-VI reescrevem as chamadas *Didaskalia Apostolorum*, “O Ensino dos doze apóstolos”, texto escrito também nos inícios do séc. III, procedente de Antioquia, mas que se apresenta como tendo resultado do I Concílio, o de Jerusalém, (Act. 15 1-33). O livro VII está dependente da *Didaché*, com alguns capítulos a integrarem orações judaicas. Entre os caps 3-46 do livro VIII encontra-se a versão grega da obra de Hipólito.

Ao contrário do que aconteceu no cristianismo ocidental, o cristianismo oriental adotou e difundiu o género literário das ordenações, tomando os vários textos como modelos para a formação na liturgia e para a aplicação do direito nas igrejas orientais, razão que fundamenta as traduções e a produção deste tipo textual até ao séc. X, em versão árabe e em versão copta, as últimas que se conhecem.

Estas versões em grego e em línguas orientais dão testemunho de que a doutrina, os costumes e os ritos das igrejas cristãs no grande Oriente se mantiveram, enquanto tradição ininterrupta, salvaguardando com grande fidelidade os princípios disciplinares da primeira fase da Igreja.

No Ocidente, podemos considerar este tipo de literatura como tendo tido uma difusão limitada. Tendo ela um fundamento pragmático, deixou de ser necessário atualizar a sua circulação e pervivência entre os cristãos, à medida que a autoridade dos concílios regionais do episcopado de uma determinada unidade política passaram a ser fonte de lei, e à medida que o poder dos líderes políticos das novas nações da Europa ocidental se foi firmando, em associação, ou mesmo sobrepondo-se a estes sínodos. Depois, à medida que o Bispo de Roma foi solidificando a sua primazia sobre os outros bispos e ascendência sobre os príncipes temporais, este passou a ser fonte de emanação disciplinar, episodicamente renovada⁷.

Estas circunstâncias levaram a que a tradução latina da obra de Hipólito de Roma, executada em Itália logo no séc. IV sobre o texto grego original, tenha permanecido esquecida na Europa ocidental. Dois acontecimentos alteraram o estado da questão:

Em 1551, Pirro Ligorio descobriu uma estátua enterrada na Via Tiburtina, estando a mesma, de porte e qualidade sublimes, à entrada da actual Biblioteca do Vaticano. Nela pensa-se que está representado Hipólito de Roma, identificado como tal porque tinha títulos das obras, uma, a primeira, conhecida como incontestavelmente pertencente a Hipólito: Ἀπόδειξις χρόνων τοῦ Πάσχα – *Demonstração do calendário da Páscoa*, obra de cômputo pascal; e a segunda, considerada perdida, a Ἀποστολικὴ Παράδοσις – *Tradição apostólica*. Desta forma, desde o séc. XVI que foi

⁷ Tratou-se de um processo longo, sujeito a avanços e recuos, mas que não se concluiu antes do séc. XI, com Gregório VII. Essa disponibilidade para a inovação disciplinar com base nas próprias instituições fundamenta, no seu essencial, o facto de o cristianismo oriental ser “o ortodoxo” e o do ocidente, por exclusão de partes ser mais “heterodoxo”.

dados como adquirido que aquela magnífica estátua pertencia a Hipólito de Roma, e que as versões em grego e em língua oriental reproduziam excertos de uma obra perdida.

Já nos finais do séc. XIX, foi descoberto num palimpsesto datado dos fins do séc. V da biblioteca do cabido da catedral de Verona o texto latino da *Tradição Apostólica*, editado pela primeira vez por E. Hauler em 1900. Posteriormente, Gregory Dix (1937; versão revista em 1995) e B. Botte (1946) apresentaram as edições críticas da versão latina do texto de Hipólito de Roma⁸. Nos últimos anos, estudos aturados têm vindo a questionar a atribuição do texto a Hipólito, presbítero de Roma, defendendo, entre outros argumentos, que os fragmentos gregos recentemente descobertos da obra original indiciam uma proveniência alexandrina ou siríaca⁹.

Deixando assinalada, mas não querendo tomar partido sobre as questões da autoria da *De Traditione Apostolica*, será consensual admitir que esta, versão latina de textos originalmente em grego, na sua maioria perdidos, constitui um valioso testemunho acerca da doutrina, da organização, das práticas e dos rituais da Igreja primitiva. O texto latino destaca-se, entre as restantes traduções, por se apresentar como um modelo que chegou até ao presente sem ter sofrido muitas etapas na sua transmissão, sem ter sofrido, portanto, oportunidades de atualização.

Ao cristalizar, em língua latina, costumes e modos de organização que a Igreja romana se dispunha a transformar, garantiu a sua fiabilidade como fonte de acesso, quase arqueológico, às práticas da Igreja primitiva. Como o nome indicia, a sua funcionalidade é a de recolher as tradições vigentes, consideradas válidas para se tornarem modelos nas comunidades cristãs. Assim, a definição dos cânones apoiam-se na descrição das práticas religiosas em uso de modo continuado, desde a geração apostólica, e o fundamento para o discurso normativo justifica-se na obediência e na autenticidade deste passado.

⁸ E. Hauler, (1900) *Didascaliae Apostolorum fragmenta Veronensia Latina. Accedunt canonum qui dicuntur apostolorum et Aegyptiorum reliquiae*, Leipzig. G. Dix, *The Treatise on the Apostolic Tradition of St. Hippolytus of Rome* London 1937, reprinted with correction by Alban Press, 1995; B. Botte, *La Tradition Apostolique de S. Hippolyte*, Le Cerf, SC11, Paris 1946.

⁹ S. H. Ashbrook; D. G. Hunter, (2008) *The Oxford handbook of early Christian studies*. Oxford University Press. p.430-421. L. H. Westra (2002) *The Apostles Creed: Origin, History and some Early Commentaries*, Brepols.

A sua composição reflete um esforço de uniformização, que será reforçado mais tarde, na Época pós-constantiniana. Neste domínio, é relevante que esta necessidade de fixar doutrina e práticas surge num período em que a Igreja se encontrava disseminada pelo Império, mas pulverizada entre os dispersos centros urbanos, cada um assumindo ou desenvolvendo as suas práticas e a sua própria maneira de organizar o culto e os ministérios. É por isso um imperativo, sentido por Hipólito ou por alguém de idêntico estatuto, particularmente num momento em que o cristianismo se alargava a povos de línguas e culturas diferentes, e em que a perseguição gerava certamente incertezas, fugas, aniquilação e renascimento de comunidades, deixar estabelecida uma memória da gestão das comunidades resistente à falência individual. Assim, ao haver dela uma versão escrita, a doutrina, as normas e as práticas permaneceriam incólumes às fragilidades dos seus agentes.

III Alimentos em contexto ritual: algumas observações

Os excertos traduzidos revelam um mundo quotidiano pouco familiar para o homem contemporâneo, mesmo para o homem cristão. Encontram-se nestes excertos da tradução latina da obra de Hipólito aquilo a que poderíamos chamar a arqueologia do ritual do batismo, do ritual da bênção das ofertas, do ritual da Eucaristia e do ritual de ação de graças.

Pensamos não ser segredo para ninguém que o cristianismo romano, no seu rito, reserva um lugar central para o pão e para o vinho, espécies que os fiéis acreditam tornar-se, na Consagração, carne e sangue de Cristo, sacrificados na Paixão, mas deixados como alimento ritual para os fiéis. Este é um dos sacramentos cuja centralidade nas comunidades cristãs se manteve, desde os tempos apostólicos, atravessando o período de Hipólito de Roma, até aos dias de hoje.

Menos conhecido, decerto, era a utilização secundária de outros produtos alimentares no contexto do sagrado. A oferta de azeite (n. 5) é benzida “tal como o pão e o vinho”, mas é feita a ressalva, “com o mesmo propósito mas com palavras diferentes”. As palavras que acompanham a bênção do azeite ressalvam a dupla utilização do produto, *uentibus et percipientibus*, isto é, o azeite é para usar nos cuidados do corpo e para tomar enquanto alimento. Esta dupla função transfere-se também para o sagrado, pois o voto proferido pede “saciedade para os que o degustam” e “santidade para os que o usam”. O termo *sanitas*, que traduzimos por “santidade”, pertence à família etimológica de *salus*, *sanus*, *sanctitas*, que apresenta como

significado nuclear a ideia de “saúde” e de “pureza”. Assim, o uso de azeite proporcionava a saúde do corpo, tal como, em contexto ritual, promove a saúde espiritual ou seja, a santidade.

Os processos transformadores dos alimentos, e seu uso pelos homens mantêm-se em 6, quanto ao queijo e às azeitonas. Tal como o leite coalha para fazer o queijo, que os homens se transformem, “se coalhem” na caridade de Cristo. As azeitonas são o símbolo (o latim *exemplum*) da riqueza nutritiva (*pinguidinis*: “gordura”) que Deus fez fluir da árvore (da oliveira) para alimento dos que nele esperam¹⁰.

No sacramento do Batismo, o leite e o mel são dados ao novo membro em memória da promessa da terra prometida (Ex. 16. 31; 33.3). Mas também é esse o alimento adequado às crianças, e aos que se fortalecem no destino iniciado com o batismo, com “novos seres”, a encetar uma vida nova. A estes neófitos está também associada a “carne” de Cristo, (isto é, a comunhão) reservada para o fortalecimento dos crentes. Tenhamos em atenção que o batismo, na Igreja primitiva, era um sacramento conferido aos adultos, depois do catecumenato. A infância para que aqui se remete é puramente simbólica, significando aqueles que vão nascer para uma nova vida. Também é oferecida a água, imprescindível para o banho dos que renascem (e dos efetivamente recém-nascidos), ou seja, para a purificação. Os alimentos líquidos, água, leite, vinho, eram servidos em cálices, numa sequência progressiva que parece mimetizar a relação entre a maturidade física do indivíduo e a sua maturação espiritual: primeiro a água, para purificação, depois o leite e mel, para alimento de juventude, depois o vinho, bebida para os adultos em corpo e maduros na fé.

No sacramento da Eucaristia (22. *De comunione*), surge plenamente identificada a centralidade e o significado do pão e do vinho. O pão é partido pelos diáconos e pelos padres, mas cabe ao bispo distribuí-los ao povo, tirando-o do regaço dos seus auxiliares. A insistência neste preceito (*manu sua*) levanta a suspeita de que o ritual podia já encontrar-se em evolução, no sentido de as ordens inferiores (padres e diáconos) poderem assumir um papel maior. Mas, na *Tradição Apostólica*, é ao bispo, representante de Cristo na terra, que cabe distribuir a comunhão aos fiéis.

¹⁰ Destacando uma interpretação mais literal, pensamos, contudo, que no excerto em causa pode estar uma alusão ao sacrifício de Cristo na cruz (no lenho) de cujo corpo manaram fluídos (sangue e água). Em muitos escritos cristãos estas emissões simbolizaram a última dádiva do Cristo físico para os crentes.

Seguem-se depois alguns excertos que, não dizendo respeito ao papel dos alimentos nos rituais carismáticos, expõem factos interessantes quanto à solidificação dos rituais cristãos a partir de um fundo mais espontâneo, nascido da partilha e do convívio em comunidade.

Assim (22) a *cena communis* (τὸ δεῖπνον) abria com a distribuição, pelo bispo, de um bocado de pão por cada presente, fazendo-se, contudo a ressalva, de que este pão não é, como na Eucaristia, a carne do Senhor. É apenas uma εὐλογία, uma saudação, ou palavra de boas vindas.

Temos também dados interessantes quanto a uma hierarquização entre os cristãos, refletida numa gradação distinta no acesso aos alimentos. Assim (27) os catecúmenos, ou seja, os ainda não batizados, não devem comer com os fiéis a *cena communis*. A justificação é curiosa: quem convidou o catecúmeno, deve lembrar-se que coube-lhe a si, quando iniciado, “suplicar” para poder entrar no convívio com Deus. Assim, partilhar a mesa com os fiéis é sinal de uma integração que exige esforço ao pretendente, pelo que o momento dessa união deve ser protelado.

Se as viúvas (ministério reconhecido dentro da igreja primitiva) forem convidadas, (30) elas devem abandonar a casa antes do por do sol. Mas se o convidante for titular de um ministério incompatível com o sentar-se na mesma mesa que as viúvas, então que estas recebam os alimentos e o vinho que será partilhado pelos demais, e comam-no em suas casas. Encontra-se, neste passo, um vislumbre já da segregação sob o fundamento da castidade, virtude maior das viúvas, mas também mérito a ser desenvolvido pelo portador do κλήρος, “fardo, cargo” ou seja, do ordenado.

Há também questões relacionais a ter em conta: o jantar comunitário deve ser tomado com moderação e de modo digno, para evitar comentários dos outros ou uma embriaguez condenável. A postura deve manter-se junto do anfitrião, para que ele saiba que tem os santos na sua casa. Se for distribuído a cada um o *apophoretum* (comida “para levar”) recebam-no. Mas se a comida for colocada à disposição da comunidade, saciem-se, de modo a que sobre e que o dono da casa distribua os restos como desejar.

Sabia-se que, no cristianismo pré-constantiniano, os lugares de reunião e de culto eram as casas particulares dos fiéis, pela necessidade de segredo. Neste passo, acedemos ao quotidiano destas reuniões, cujo propósito, em casas particulares, parece ultrapassar a questão circunstancial de ser um lugar de segredo. Assim, a função do “convidante”, que não é o bispo, parece ser estável: cabe-lhe abrir as portas da sua casa para o culto eucarístico, mas também para o jantar comunitário entre os fiéis. Assim, parece-nos ser claro

que nesta Igreja primitiva, o centro do culto era a comunidade, o grupo reunido em torno do bispo, sendo o lugar de culto móvel e estratégico, de acordo com a evangelização e as possibilidades do anfitrião.

O jantar comunitário, que não se pode nunca confundir com a Eucaristia, exerceria um poder de atração considerável, e seria um momento alto da partilha entre os fiéis. Por isso vemos a obra de Hipólito a retomar, provavelmente com a mesma urgência, o repto de Paulo feito às comunidades de primeira geração de que “haja compostura à mesa” (1Cor 11, 23-33).

O Bispo deve receber, como oferta, os primeiros frutos das colheitas. Seguindo a influência judaica, respeita-se o estabelecido no AT (Lv 2, 14; Dt 26, 1-11) sobre a oblação das primícias. Mas no cristianismo, as ofertas eram entregues ao bispo com solenidade e ação de graças. Neste legar dos produtos do trabalho ao bispo, líder das comunidades cristãs organizadas, podemos ver o fundamento da constituição do património das dioceses, autónomas entre si, e resultando sobretudo da renúncia dos fiéis. Esta doação era um ato de louvor a Deus pela criação, pela fertilidade da terra, em benefício de todas as criaturas. Deus tudo dá ao homem, até o menino Seu filho, Jesus Cristo. Esta oração, na sua singeleza, exprime o louvor pelo poder criativo de Deus, extensivo aos bens naturais, mas também ao mistério da Encarnação de Cristo, oferecido aos homens como “fruto” primogénito (a primeira colheita) de Deus.

Finalmente, que frutos devem ser abençoados pelo bispo? Trata-se de uma casuística um pouco hermética. Podem ser abençoados frutos mais doces e nobres, mas são rejeitados os legumes, como o alho, a cebola, o pepino...mas o melão?. Pensamos que esta segregação se fundamenta na oposição doce/ não doce, embora, aos olhos atuais, o melão destoe nesta classificação.

Finalmente, uma palavra breve sobre a construção do ritual da Missa, enquanto agregação de ritos distintos, com o seu centro na Eucaristia. Este documento apresenta a bênção das ofertas (o actual momento de “ofertório”), em que os fiéis oferecem o produto do seu trabalho, que depois é benzido; e o momento de Ação de Graças (após a comunhão) ou de “ceia comunitária”, em que os fiéis partilham a abundância oferecida por Deus. O uso, no contexto de fim das cerimónias do verbo *dimitto* e do verbo *mitto* (supino *missus*, *missa*, *missum* presente na expressão que encerra a missa *Ite, missa*

*est “Ide, está dada”*¹¹) que marcámos a negrito no corpo do latim, legítima, em nosso entender, o argumento de que se estão a descrever momentos cultuais agrupados na “missa” enquanto conjunto cultural que envolve a Eucaristia. Entre o passado e o tempo atual, verifica-se no primeiro uma maior literalidade, ou seja, as palavras e seus referentes encontravam-se mais próximos. Assim se entendem as abundantes referências alimentares em contexto ritual.

PAULA BARATA DIAS

¹¹ À luz da informação da *Tradição Apostólica*, o que é que “está dado?” A palavra e a Eucaristia ? (leitura atual). Curiosamente, a obra de Hipólito não refere, no culto, os momentos de liturgia da palavra ou de ensinamento catequético, ou mesmo de leituras de textos sagrados. O ritual aprovado por Hipólito é fundamentalmente gesto que suporta a palavra, e não o inverso. Estamos inclinados a pensar que a expressão alude aos bens alimentares efetivamente usados no culto, e a partilha de uma refeição comunitária, em ação de graças, que uma vez “dada”, encerrava a reunião.